

Recebido: 26 / 02 / 2024
Aceito: 10 / 05 / 2024



Revista
Terceiro Incluído

ISSN
2237-079x

A Geografia humanista e a condição pós-humana: notas para reflexão

Humanist Geography and posthuman condition: notes for reflection

*Francyjonison Custodio do Nascimento*¹

 <https://orcid.org/0000-0001-9078-8097>

Resumo

A Geografia humanista nasceu no século XX num contexto de contestação de postulados geográficos quantitativos e numa mescla de efervescências cultural e socioeconômicas. Ela tem, como grande pressuposto teórico, uma nova concepção de espaço, fundada a partir de várias correntes filosóficas. Tal concepção proporcionou um programa de pesquisa variado, que tem como centro a experiência humana na terra e os significados na compreensão da relação das pessoas com lugares e ambientes geográficos. De certa forma, a Geografia humanista foi “provada” por diversas críticas e continua a contribuir com o debate geográfico. Partindo desse entendimento, o artigo objetiva promover um diálogo entre a Geografia humanista e a condição pós-humana, um campo de pesquisa emergente que discute novas formulações do humano a partir da aceleração do capitalismo, da tecnologia e da devastação da natureza. Assim sendo, este trabalho é composto por uma revisão bibliográfica aliada a uma reflexão teórica a respeito das ligações entre a condição pós-humana e a Geografia humanista. Conclui-se que a Geografia humanista, longe de ser uma abordagem caduca, ainda pode auxiliar nas questões geográficas do tempo presente bem como a crise ecológica, ao propor estudos interdisciplinares em busca de um habitar geopoético e o repensar dos valores fundados no humanismo iluminista europeu.

Palavras-Chave: Epistemologia da Geografia; Condição pós-humana; Geografia Humanista.

Abstract

Humanist geography was born in the 20th century in a context of contestation of quantitative geographic postulates and a mixture of cultural and socio-economic effervescence. Its main theoretical premise is a new conception of space, based on various philosophical currents. This conception has provided a varied research program, centered on the human experience on earth and on the meanings of understanding people's

¹ Doutor em Geografia (UFRN), SEEC/RN, jonisoncustodio@gmail.com

relationship with geographical places and environments. In a way, humanist geography has been "tested" by various criticisms and continues to contribute to the geographical debate. Based on this understanding, the article aims to promote a dialog between humanist geography and the posthuman condition, an emerging field of research that discusses new formulations of the human based on the acceleration of capitalism, of technology and of the devastation of nature. As such, this work is made up of a bibliographical review and of a theoretical reflection on the links between the post-human condition and humanist geography. It concludes that humanist geography, far from being an outdated approach, can still help with the geographical issues of the present time, as well as the ecological crisis, by proposing interdisciplinary studies in search of a geopoetic dwelling and a rethinking the values founded on European Enlightenment humanism.

Keywords: Epistemology of Geography; Posthuman condition; Humanist Geography.

Introdução

As correntes do pensamento geográfico podem ser entendidas como marcos paradigmáticos, nunca como estereótipos vazios, e auxiliam os geógrafos enquanto ferramentas didáticas para a avaliação da influência de certos pressupostos e até mesmo na busca de referenciais de pesquisa e/ou de afiliação para identificação (CAPEL, 2008). A Geografia humanista é um exemplo disso. Nascendo ao mesmo tempo e, de certa forma, com o mesmo “dever” que a Geografia crítica – que seria o de criar uma alternativa geográfica ao modelo quantitavista –, a Geografia humanista desmonta a ideia comum de que as correntes geográficas se intercalam sem sobreposições, surgindo no lugar de uma abordagem e deixando de existir quando outra abordagem aparecesse, como sugere Moares (2005).

Com efeito, a Geografia humanista, mesmo surgindo no século passado e perdendo um pouco do seu fôlego inicial, permanece contribuindo com o debate das questões geográficas e tem deixado legados pertinentes para pensar o contemporâneo (MARANDOLA JR, 2013). Efetivamente, ela ainda influencia uma miríade de geógrafos que buscam discutir uma ciência geográfica que não negligencie o papel do ser humano nas relações com o espaço (ANDREOTTI, 2013; SEAMON, LARSEN, 2020). De fato, a experiência humana com a terra e os diversos significados que as relações entre os seres humanos e os espaços têm são um dos objetos da Geografia humanista que, num programa de pesquisa diverso, remodelou a forma do fazer geográfico nas últimas décadas (HOLZER, 2016).

Sabendo que toda a história do pensamento geográfico está fundada numa lógica de encontros, isto é, numa convergência de saberes e de pesquisadores dos mais diversos campos (SAUER, 2000), é interessante discutir como a Geografia humanista pode dialogar com as correntes epistemológicas e com os campos de pesquisa da atualidade, fazendo com que ela se

renove e, no mesmo ritmo, passe a iluminar também as realidades contemporâneas – cada vez mais diversas e mais multidimensionais.

A bem da verdade, muitos são os trabalhos que recuperam a Geografia humanista e promovem discussões sobre como os seus pressupostos e as suas bases conceituais podem legar frutos à ciência geográfica atual (MARANDOLA JR, 2013; 2018; SUESS; RIBEIRO, 2017; SEAMON, 2017). Contudo, tais trabalhos ainda não dialogam com o campo de estudo emergente da condição pós-humana. Este campo de estudo é plural e diverso. Se preocupa, inicialmente, em propor novas formas de pensar o humano mediante novas contingências socioculturais, tais como o avanço do capitalismo, da crise ecológica e dos recursos tecnológicos (WOLFE, 2010; BRAIDOTTI, 2019). Como postura epistêmica aberta ao diálogo, a condição pós-humana também evolui a partir de conexões com as ciências diversas, sobretudo aquelas vinculadas às humanidades. Assim, ela também ganha ao estabelecer contato com a Geografia.

Este artigo, então, objetiva, além de apresentar essas correntes teóricas, construir um diálogo entre elas, promovendo avanços para a teoria geográfica à luz de fundamentos geográficos do passado, como ocorre em todo processo do conhecimento geográfico (CLAVAL, 2006; CAPEL, 2008). Desse modo, ele é composto por uma revisão bibliográfica aliada a um construto teórico a respeito da Geografia humanista e da condição pós-humana. Dessa forma, o texto é subdividido em duas partes: na primeira, discute-se sobre os caminhos e os fundamentos epistemológicos da Geografia humanista; na segunda, há uma discussão sobre a natureza e a conceituação da condição pós-humana e suas formas de diálogo com a Geografia humanista.

Geografia humanista: caminhos e pressupostos

A reconfiguração da ciência geográfica na segunda metade do século XX e seus consequentes processos de renovação de matizes epistemológicas proporcionou e foi proporcionada por uma adesão de elementos teórico-metodológicos de vertentes teóricas e filosóficas diversas. Entre tais vertentes, pode-se citar a literatura, os estudos culturais, a Psicologia, mas se sobressaíam o Existencialismo e a Fenomenologia, as ditas filosofias do significado (MARANDOLA JR, 2013; CLAVAL, 2014). A busca por essas filosofias estava baseada numa postura de negação e de crítica aos pressupostos neopositivistas e à conformação total aos princípios quantitativos da ciência geográfica, fazendo emergir a proposta de uma Geografia que não negligenciasse os seres humanos em suas reflexões (ANDREOTTI, 2013).

A bem da verdade, conforme aponta Claval (2006), já na década de 1950, havia sementes de uma visão diferente da ciência geográfica. Uma postura humanista, diversa da Nova Geografia, começa a se afirmar desde o início dos anos 50 do século XX. Entre seus precursores, atesta o geógrafo francês, pode-se enumerar William Kirk (1927-1987), John K. Wright (1900-1968) e Eric Dardel (1891-1969). Este último, aliás, é apontado por Gomes (2010) como o sujeito elegido para ser uma espécie de padrinho da Geografia humanista. Além desses nomes, é comum elencar autores da Geografia Clássica que também produziram trabalhos sob um viés humanista, tais como Paul Vidal de La Blache (1845-1918), Johannes Gabriel Granö (1882 - 1956) e Alexander von Humboldt (1769-1859), conforme aponta Silva (2020). Esse movimento da Geografia humanista por procurar precursores de renome na ciência geográfica, explica Holzer (2016), se deu devido à necessidade de fundamentar o campo de pesquisa de horizonte humanista e garantir um “DNA” geográfico a abordagem.

O fato é que a segunda metade do século XX foi um período de inovações teóricas no seio da Geografia e de características próprias da sociedade e dos movimentos intelectuais do final dos anos 1960, tais como os movimentos hippie e estudantil bem como o questionamento dos padrões culturais e políticos instituídos (HOLZER, 2016). Antes disso, de acordo com Gomes (2010), a perspectiva positivista da Geografia tinha o grande intento de se colocar como uma ciência e, para isso, se valeu do escopo das ciências naturais para ganhar um *status* de cientificidade. O horizonte humanista da Geografia nasceu como crítica a essa perspectiva que, como explica Claval (2014), acabou por compreender os aspectos e os fenômenos geográficos de forma meramente matematizante. Assim, para se encaixar nos moldes de uma “ciência moderna”, se priorizou a valorização dos procedimentos de modalização e teorização, as técnicas de quantificação, regras relativas à administração da prova assim como a submissão à lógica matemática.

A Geografia Humanista, então, consolida um exercício epistemológico e metodológico reativo à efervescência neopositivista/quantitativista das primeiras décadas do século XX, àquilo que se considerou um excesso de quantificação da Geografia que, para uma parcela dos geógrafos, não explicaria a complexidade da realidade, a qual era mais diversa social e culturalmente (CLAVAL, 2014). Pode-se citar, entre os adeptos da Geografia humanista, os nomes de Anne Buttimer, Edward Relph, Yi-Fu Tuan, Armand Frémont, David Ley, J. Nicholas Entrikin e David Seamon (MARANDOLA JR, 2013). Aliás, de acordo com Claval (2006), foi o próprio Tuan que cunhou o termo “Geografia humanista”.

De modo geral, o movimento epistemológico humanista na Geografia passou a compreender o espaço de maneira diferente da estabelecida. Assim, em sua crítica, as leis espaciais, as distribuições e circulações espaciais, as estruturas espaciais, os comportamentos espaciais de atores supostamente racionais partiam de uma ideia de espaço cristalizado (BESSE, 2014).

Tal concepção de espaço precisava ser revisada, posto que era alicerçada na concepção do espaço newtoniano, o espaço do geômetra, e numa ciência que apenas mede e calcula – para usar uma expressão de Eric Dardel (2015). Dessa forma, priorizou-se outras concepções, sobretudo a partir da experiência do espaço geográfico, do mundo antipredicativo, que tinha suas bases pensadas pela Fenomenologia. Assim, sendo as noções de espaço vivido (ou espaço da vida – *lebenswelt* no original) e de habitar (*dwelling* no original) ganharam notoriedade nos estudos geográficos (MARANDOLA JR, 2013). Com efeito, o espaço não era mais compreendido como um mero recipiente, no qual os objetos e eventos físicos se localizam de maneira desconexa (BUTTIMER, 1982). Era inconcebível, então, nessa abordagem geográfica, postular o espaço como uma espécie de tabuleiro ou de superfície em que apenas se deposite objetos, pois os espaços

[...] não são vazios abandonadas aos quais se atribuem, por vezes, qualidades e significados, mas são contextos necessários e significantes de todas as nossas ações e proezas. Então o espaço não é euclidiano ou alguma outra superfície ou forma geométrica, na qual nos movimentamos e que percebemos como separadas de nós. (RELPH, 1979, p. 8).

Dessa forma, o argumento de que o espaço não pode ser compreendido apenas através da observação e da medição ganha forças. Efetivamente, a compreensão do espaço foi deslocada e afirmou-se a ideia de que a experiência do espaço geográfico não está no mundo predicativo, no mundo da total objetividade. Tal compreensão nasce da concepção de que o ser humano não é um objeto neutro no espaço. Foi Armand Frémont, preconiza Claval (2014), um dos primeiros a enfatizar essa concepção ao defender que o espaço não é um objeto que tem uma realidade em si e tampouco o ser humano não é um analista totalmente objetivo de um universo que lhe é externo. Assim sendo, há, na Geografia humanista, o intento de romper com o projeto moderno que preconiza a clássica oposição sujeito/objeto (CLAVAL, 2014; DARDEL, 2015).

Assim, essa postura valoriza a noção fenomenológica de mundo vivido (ou mundo da vida) e, conseqüentemente, as experiências com o espaço e sua intersubjetividade. Desse modo,

continua a explicar Nogué (2011), a Geografia humanista passa a destacar o papel do indivíduo no centro da construção geográfica; trata-se de um ingresso completo numa geografia do mundo vivido, na qual o conhecimento sobre o espaço é holístico e empático bem como é buscado a partir de uma imersão em si mesmo (NOGUÉ, 2011).

Pode-se dizer também que a pretensão de abolir a oposição moderna entre sujeito e objeto também valorizou a ideia de ser-no-mundo – heideggeriana por excelência, a ideia é utilizada por Dardel (2015) e por vários geógrafos no contexto brasileiro como Dal Gallo e Marandola Jr (2016) e Vaz (2022). Segundo os autores supracitados, a ideia de ser-no-mundo tem uma dimensão geográfica fundamental. Com efeito, ela é essencialmente espacial. Ela não se refere a um objeto no mundo, mas, sim, a uma ligação inescapável que o ser humano possui com o mundo. Do mesmo modo, não diz respeito a uma localização cartograficamente posta no planeta. Implica, na realidade, numa espacialidade inerente à existência humana, condição do ser humano no mundo (DAL GALLO; MARANDOLA JR, 2016).

Esse movimento possibilitou a proposta de renovar a Geografia com os postulados humanistas bem como a valorização da consciência de valores humanos, conforme apontam Marandola Jr (2013) e Holzer (2016). Efetivamente, como explica Claval (2014), tudo que era eminentemente humano passou a ser valorizado: os mitos, as festas, as experiências religiosas, as artes, os sonhos e as experiências existenciais humanas.

Outro ponto interessante é que a indissociabilidade entre o homem e o mundo, tratada anteriormente, é existencial. Eles – homem e mundo – só podem existir mutuamente. Com efeito, há uma espécie de elo, uma unidade obrigatória, uma co-pertença: um instaura o outro e vice-versa (BERNARDES, 2016). O elo entre eles, explicam Dal Gallo e Marandola Jr (2016), não é apenas físico. Este caráter também existe, mas a co-pertença homem-mundo vai além dele, posto que o elo a que se refere essa concepção assegura que o ser humano também tem consciência que possui o mundo e faz parte dele. No que concerne a Geografia, pode-se “geografizar” esse entendimento e postular a compreensão de que é essencial pensar o espaço geográfico como o locus existencial do ser humano e, por tabela, que é preciso valorizar a experiência humana sobre a terra ou a experiência terrestre do ser humano – ou, para usar a expressão de Berque (2017), a terra enquanto humanizada.

Além das noções já explicadas e também por meio delas, houve a proeminência dos conceitos de lugar e paisagem, a priori (HOLZER, 2016). Com o tempo, outros conceitos fundantes da Geografia, como região e território, também ganharam relevo nas produções e interpretações da Geografia humanista, com uma certa orientação para o âmbito do vivido –

ainda que a ideia de lugar tenha se tornado o grande baluarte da renovação humanista (HOLZER, 1997; BONNEMAISON, 2002; MARANDOLA JR, 2013).

Partindo desses pressupostos, a Geografia, a partir do horizonte humanista, passou a interrogar os seres humanos a respeito da sua experiência com o espaço, daquilo que os envolve, do sentido que dão à sua vida e sobre a maneira pela qual modelam os ambientes e desenham as paisagens para neles afirmar sua personalidade, suas convicções e suas esperanças (CLAVAL, 2014). Há, então, um caráter existencial, superando, inclusive a associação inicial que muitos geógrafos faziam entre a Geografia humanista e o que se chamava *behavioral geography* (NOGUÉ, 2011; HOLZER, 2016).

Todo este movimento epistemológico da Geografia humanista, então, demonstra que essa corrente foi muito mais do que uma simples reação aos métodos quantitativos. Ela é uma abordagem que possui uma diversificação em suas bases teóricas, o que reflete a sua abrangência temática. Conforme aponta Holzer (2016), há diversas tendências e possibilidades já abertas pela Geografia humanista, com as contribuições dos campos fenomenológicos, hermenêuticos e existencialistas. Pode-se citar, por exemplo, como uma das contribuições atuais que adveio da Geografia humanista o interesse pelas relações entre a espacialidade, as emoções e as atmosferas afetivas (NOGUÉ, 2011; PAIVA, 2019).

O fato é que as propostas do horizonte humanista na Geografia são diversas e não findaram ainda. Trabalhos em diálogo com as mais diversas linguagens artísticas, com a semiologia e com manifestações mítico-religiosas, sobre a vivência em espaços urbanos e rurais, a respeito da mobilidade, da imigração e dos fluxos humanos, a respeito de riscos e vulnerabilidades, envolvendo produção cartográfica: o potencial dos desdobramentos da Geografia humanista é enorme (MARANDOLA JR, 2013; CLAVAL, 2014; HOLZER, 2016; SEAMON, 2017; SOUZA JÚNIOR, 2021).

Não obstante tudo isso, a Geografia humanista não ficou imune a críticas e foi, inclusive, taxada de ingênua (CLAVAL, 2014). E, entre as principais críticas estão as dos geógrafos marxistas, feministas e pós-estruturalistas. Os primeiros argumentavam que os estudos centrados nas experiências acabam por negligenciar as estruturas e desigualdades sociais assim como as relações de poder. Os segundos, por sua vez, criticaram uma natureza essencialista da Geografia humanista que, ao propor uma condição humana única e universal, ignoraria as diferenças individuais e de grupo, incluindo sobretudo as questões de gênero e de etnia. Já os pós-estruturalistas argumentam que as pesquisas dos geógrafos humanistas focaram no lugar e no pertencimento, promovendo uma perspectiva geográfica do enraizamento. Isso, de alguma

maneira, provocaria a negligência ao não-pertencimento e, sobretudo, à mobilidade (SILVA, 2020).

A bem da verdade, os postulados humanistas na Geografia foram renovados e novos diálogos são construídos à medida que as questões geográficas se impõem e novas abordagens epistemológicas surgem, promovendo várias respostas às críticas mencionadas. Relph (2014), por exemplo, responde a tais críticas, desenvolvendo uma Geografia que não se apegue ao saudosismo e que convida as relações capitalistas do contexto global para pensar suas questões sobre o lugar e os locais com pouca lugaridade. Tuan (2005, 2012), por sua vez, argumenta que as experiências mudam ao longo do tempo devido às condições socioeconômicas das sociedades e dos indivíduos, de suas perspectivas de vida e sua idade, indo de encontro as ideias de que haveria uma ideia universal de ser humano e de que as questões econômicas são obliteradas na Geografia humanista. A questão agora é que a partir do momento que os geógrafos objetivam compreender o sentido dado pelos seres humanos ao espaço, todas as experiências, todas as atividades são igualmente interessantes (CLAVAL, 2014).

O fato é que a Geografia humanista, seja para reagir a críticas, seja para repensar a realidade, sempre se renova. Há, então, o que Marandola Jr (2013) chama de reposicionamento da Geografia humanista. Numa abordagem cada vez mais híbrida, ela não pode ser considerada a mesma de décadas atrás (SILVA, 2020). De fato, o fazer geográfico humanista ainda persiste no contemporâneo, posto que, aberto a novos temas, tendências e ao diálogo interdisciplinar, ganhou novos contextos quando confrontado com outras abordagens conceituais, incluindo a Geografia fenomenológica, a Geografia feminista, a Geografia pós-fenomenológica, a Geografia pós-estruturalista e até mesmo a Geografia crítica (MARANDOLA JR, 2013; SEAMON; LARSEN, 2020).

Com este reposicionamento, os pressupostos do fazer geográfico humanista, como já dito, passou a pensar como os diferentes sujeitos sociais, distintos por questões de gênero, de etnia e/ou condição social, possuem diversos sentidos de sentir, pensar e praticar o espaço, denotando diferentes modos de se relacionar com o espaço, de ser e estar com a terra. Este último aspecto permite a Geografia humanista dialogar com os estudos referentes à condição pós-humana. Antes de construir este diálogo, vale a pena se debruçar sobre as concepções dessa condição.

Condição pós-humana e Geografia humanista: diálogos

O século presente tem se notabilizada por uma inventividade teórica. Com efeito, como pontua Maffesoli (2021), não só nas ciências humanas, mas em todos os campos do conhecimento, os tempos atuais são marcados por questionamentos de ideias preestabelecidas e o surgimento de novas teorias, num movimento de abrir mão dos antigos e assentados pressupostos e assumir novas concepções frentes às realidades que se impõem. Nesse sentido, nada está eternamente posto, até mesmo as noções de humano e de humanidade (HARAWAY, 2009).

É nesse contexto epistêmico que surgem as várias versões do pensamento vinculado ao pós-humanismo. Entre tais versões, pode-se citar o pós-humanismo crítico, as pós-humanidades feministas, o pós-humanismo insurgente, o pós-humanismo especulativo, a ética pós-humana, a performatividade pós-humana, a sexualidade pós-humana, a teoria crítica pós-humana, entre outras abordagens (BRAIDOTTI, 2019). É na discussão de tais pós-humanismos que a condição pós-humana ganha relevo. Com efeito, a condição pós-humana é compreendida como uma convergência entre o pós-humanismo e o pós-antropocentrismo. Assim, é caracterizada, explica Bradoitti (2019), como a convergência de três situações específicas: a) a aceleração do capitalismo; b) a aceleração tecnológica; e c) a aceleração da destruição da natureza. Essas situações, mais do que sintomas do tempo atual, são formas próprias de ser e estar no mundo contemporâneo.

Há, na verdade, um movimento plural quando se fala de pós-humanismo, incluindo não só uma variedade nas ciências humanas, mas também na literatura, na música, no cinema e em outras artes (RÜDIGER, 2007) – outro ponto em comum com a Geografia humanista que valorizou a literatura e outras manifestações artísticas para o seu fazer científico, apelando para o lado poético da ciência (HOLZER, 2016). De fato, como pontua Serres (2001), as narrativas artísticas podem ser legendas do mundo e contribuir com as interpretações da realidade.

O fato é que várias perspectivas teorizam a respeito de como a noção de humano deixa de ser compreendida como algo dado, imutável, para se tornar uma noção aberta, “negociável”. É comum propor que o termo “pós-humano” foi cunhado no final dos anos 1990 e ganhou notoriedade com os estudos de Katherine Hayles em sua obra *How we became posthuman* (1999). A partir disso, na virada do milênio, uma miríade de autores passaram a refletir como a informática e as suas ciências satélites bem como a questão ecológica e o capitalismo liberal poderiam influenciar numa nova compreensão do humano (BRAIDOTTI, 2019).

Tudo isso ocorre na perspectiva de propor novos modos de pensar o contemporâneo. Assim, nas últimas décadas, desenvolvimentos de ordem epistemológica, ontológica, científica e tecnológica propiciam uma redefinição na concepção do que é ser humano, propondo mudanças nas mais diversas ciências, incluindo a Geografia (LORIMER, 2010; FERRANDO, 2019).

Outro ponto comum, que deriva desse primeiro, é que há uma crítica em relação ao humanismo iluminista, que marcou a experiência da sociedade ocidental nos últimos séculos. Esta crítica, porém, não significa uma completa negação, como bem lembra Wolfe (2010), posto que o aspecto humano continua presente – só não possui um caráter excepcional, como antes. A crítica propõe, na verdade, evidenciar e, principalmente, superar as limitações dos pressupostos – por vezes, dualistas – do humanismo ocidental, se afastando de uma postura anti-humana (WOLFE, 2010). Desse modo, não há uma defesa pela eliminação do humano, mas uma perspectiva que repense sua categorização, indo de encontro ao ideal do humanismo iluminista – homem, branco, europeu e racionalista.

Assim, o pós-humanismo dialoga com a Geografia humanista no sentido que ambos os movimentos epistêmicos se opõem ao humanismo enquanto projeto iluminista e racionalista. Com efeito, como já exposto anteriormente, a Geografia humanista discorda com o viés racionalista em voga na ciência do século XX. Pensar a condição pós-humana proporciona o mesmo entendimento, posto que propicia resgatar subjetividades que escapam do referencial moderno. Entra em cena concepções outrora negligenciadas como mulheres e povos não-europeus, promovendo a valorização de grupos historicamente excluídos da participação política e dos projetos de saber. Com efeito, o debate contemporâneo da Geografia de horizonte humanista busca e também gira em torno dos movimentos identitários, do feminismo, das questões raciais e de gênero (MARANDOLA JR, 2018).

Ademais, a investigação da condição pós-humana é essencialmente transversal e parte de/para compreensões que necessariamente estimulam o “borramento” de fronteiras na interpretação de realidade contemporânea (FERRANDO, 2019). De certo modo, é um movimento transdisciplinar, como também é o horizonte humanista da Geografia, como já explanado no item anterior.

Outros borramentos, aliás, também são considerados nas investigações da condição pós-humana como o da distinção homem-animal, sendo este último sempre apresentado como um Outro (FERRANDO, 2019). Há, então, uma recusa a aceitar como as concepções criam e continuam a manter categorias distintas de “humano” e de “animal”. É um outro modo de pensar

a dicotomia sociedade/natureza, instalada há séculos na Geografia, mas que já possui vários avanços, seja por meio do conceito de *médiance*, seja através de uma consciência terrestre, de uma união unívoca entre o humano e o não-humano (DARDEL, 2015; BERQUE, 2017). A Geografia de horizonte humanista, assim como a condição pós-humana, sugere pensar o mundo não a partir de distinções rígidas, mas de relações inseparáveis.

Assim, é preciso “desontologizar” as dicotomias, as oposições binárias entre o humano e o “inumano” – aliás, não só a dicotomia como também a hierarquização que promove uma proeminência do humano (WOLFE, 2010). Entender como se dá essa distinção e como ela articula a nova compreensão do pós-humano é fulcral. De fato, como recorda a própria Francesca Ferrando (2019), há diversas formas de “humanização” e “desumanização”, construindo processos de que conceitualizam o “humano” ao excluir o “outro”. Daí a importância de compreender o humano e as entidades não-humanas para conceber a realidade atual, fugindo do especismo antropocêntrico.

Além disso, outro ponto de contato entre a Geografia humanista e a condição pós-humana é a discussão sobre a questão ecológica atual. Efetivamente, a crise ambiental ocupa um lugar privilegiado na discussão do pós-humanismo, posto que este, além de um movimento epistemológico, é também um movimento político. Afinal, uma compreensão de vida biológica não-humana como um objeto inerte ou completamente passivo, como advoga pensamentos antropocêntricos, está intimamente ligada aos problemas ambientais atuais. Esta compreensão, de fato, é uma espécie de instrumento ideológico que legitima ecocídios, devido ao capitalismo predatório, pois evidencia uma concepção de natureza “estável”, pensada como mero recurso, sempre disponível para uma conquista, para um domínio por parte dos seres humanos (WOLFE, 2010; STENGERS, 2015).

Ideia parecida já existia em Dardel (2015), articulada em meados do século XX, que aponta o ser humano como um dominador do meio natural e a terra enquanto algo que, não envolvendo o ser humano, deve ser controlada e submissa, sendo compreendida com valor de utensílio. De tal modo, o mundo não-humano seria para uso irrestrito da humanidade, seja como fonte de energia ou como matéria-prima. Urge, então, decretar que humanidade e terra se pertencem mutuamente (NOGUERA; ARIAS, 2014). É necessário recuperar a ideia da natureza como companheira da existência humana, rompendo toda postura de beligerância contra o sistema terra (DARDEL, 2015). É o chamado a habitar poeticamente, postulado geograficamente por outro expoente da Geografia humanista, Anne Buttimer (1982) e ressignificado por Chacon (2015) e Noguera e Arias (2014). Em tal chamado, a vida humana

unida aos elementos naturais, vivendo sob o *ethos* da sinergia, está longe da concepção dicotômica e de submissão já comentada (WOLFE, 2010; CHACON, 2015).

O fato é que, para Braidotti (2019), os estudos ambientais são um dos principais pilares das pós-humanidades críticas. Com efeito, o processo massivo de destruição ecológica, sobretudo o causado pela espécie humana, é material de estudo privilegiado das interpretações científicas da condição pós-humana. A Geografia humanista, como vimos, também se debruça nesse “material de estudo”. Talvez seja este o grande ponto de conexão entre as duas áreas.

Aliás, ambas concordam que, com a manifestação da crise ambiental na modernidade, a vida contemporânea surge, entre outras coisas, como necessidade de superar características de universalidade que o pensamento iluminista nos legou (CHACON, 2015; FERRANDO, 2019). Assim, tanto a condição pós-humana quanto a Geografia humanista propõem alterações ontológicas do próprio sentido da existência, evocando um repensar das categorizações que temos sobre o humano e sobre o “não-humano”, a fim de perspectivar soluções para a crise ecológica (NOGUERA; ARIAS, 2014; BRAIDOTTI, 2019).

Na realidade, é preciso recordar que estamos em tempos de policrise, na qual se manifestam diversas crises como a crise da alteridade, a econômica, a política, a ética e aquela que frisamos aqui, a ambiental – todas expressas na degeneração da democracia, da convivialidade e da própria vida qualificada (MORIN; SLOTERDIJK, 2021). Tal situação demanda pensadores capazes de (re)imaginar outras possibilidades, outras vi(d)as para o mundo presente e futuro – sobretudo a partir da discussão do reconhecimento do Antropoceno e da profundidade da crise ambiental hodierna (LATOURET, 2020). Para tanto, pontuam Morin e Sloterdijk (2021), é preciso integrar o imperativo cognitivo ao imperativo ético. E a Geografia humanista pode munir a ciência atual nesse propósito. De certo modo, a Geografia humanista, à luz do projeto geográfico dardeliano, também tem um caráter ético e cosmológico (DARDEL, 2015).

Esse projeto ético e cosmológico dardeliano, pontua Besse (2015), compreende que a mudança das posturas humanas diante a situação atual parte da consciência terrestre, do saber-se ligado ao mundo não-humano. Trata-se, pois, da noção de não-separação e não-hierarquização entre o cultural/social e o natural já apontada por Berque (2017). Com efeito, o saber de ordem espacial pode formar tal consciência e auxiliar numa postura de mundo sob a égide da compreensão da condição pós-humana.

Aliás, não são poucos os autores preocupados com os debates concernentes às mudanças climáticas e transições ecológicas que tem movimentos construídos a partir da Geografia

humanista como base epistêmica norteadora (SOUZA JUNIOR, 2021). Buscando, assim como os estudiosos da condição pós-humana, uma compreensão da multiplicidade existencial da vida terrestre, eles indicam o estudo a partir do mundo mais-que-humano. Este último, desenvolvido por Abram (2010), sugere o estudo das inter-relações entre os mundos de seres vivos, não-viventes e das sociedades humanas, colocando em suspensão o excepcionalismo humano. Isto é, apostando, como também propõem Chacon (2015) e Noguera e Arias (2014), na compreensão da vida humana unida aos elementos naturais.

Dessa forma, por mais contraditório que pareça ao nível de nomenclatura, valorizar a Geografia humanista é criticar o humanismo e a pretensão de dominação humana. Edward Relph (1981) explica isso ao apontar o resultado paradoxal da perspectiva humanista na Geografia e nas demais ciências sociais: o humanismo científico criou diversos problemas, incluindo a questão ambiental, e para saná-la perspectivas humanistas são convidadas. Assim, a ideia pura do humanismo não é mais aceita e tampouco serve como inspiração, já que incentiva o domínio da natureza e, não raras vezes, a desumanização do ser humano (RELPH, 1981). Contudo, assumindo esta crítica e abraçando a compreensão da vida humana unida aos elementos naturais, a Geografia humanista não só auxilia na resolução das questões atuais, como a crise ecológica, como também se abre a diálogos mais frutuosos com outros campos do saber, como o pós-humanismo.

Considerações finais

Ao investigar a Geografia humanista nos dias atuais, percebe-se a necessidade de revisar a concepção de considerar as correntes geográficas como marcos paradigmáticos, que existem durante um tempo e perdem seu valor quando outras abordagens ganham relevo ao longo da história. Na realidade, elas servem como ferramentas didáticas para a avaliação da influência de proposições frente ao período histórico e podem ser ressignificadas diante de novas demandas da sociedade, mantendo sua essência e alterando o que não responde mais a realidade. Desse modo, podem ser de grande valia para o debate contemporâneo no seio da ciência geográfica. É exatamente isso que acontece com a Geografia humanista.

Se isso ocorre em várias áreas, como mencionado na introdução deste artigo, pode-se dizer que o mesmo acontece quando se promove o diálogo com a condição pós-humana. A grande contribuição, no nosso entender, do diálogo é um entendimento acurado unido a um “combate” epistêmico da crise ecológica contemporânea. Com efeito, a mudança de postura só ganha forças com uma compreensão de humano e de não-humano para além do iluminismo

racionalista, longe da noção de dominação e se aproximando do *ethos* de sinergia, da pertença mútua entre o humano e o não-humano.

Das outras contribuições da condição pós-humana que já se encontra na Geografia humanista, pode-se citar a crítica ao “humanismo puro”. Por consequência, o fim da narrativa de supremacia do humano perante os ditos irracionais ou inanimados é uma das principais contribuições. Essa tentativa, de fato, não ocorreu efetivamente no seio da ciência, mas novas reflexões teóricas a respeito disso pode auxiliar na aceleração do processo, sem o qual a realidade atual não pode ser compreendida. Aos poucos, então, o processo científico pode deixar de ser antropocêntrico e se preocupar com o enlace humano-mundo.

Ademais, uma outra contribuição da Geografia humanista pertinente para compreender geograficamente o mundo contemporâneo é a negação do ser humano perspectivado como um ser desarraigado, fruto da construção da objetividade modernista que negligencia a ligação inescapável entre este mesmo ser humano e o espaço geográfico. A Geografia humanista veio para sedimentar a compreensão de que o ser humano não pode ser entendido afastado espaço e que, portanto, negligenciar o mundo é obliterar o humano. Este último, aliás, como vimos, não pode ser negado – ainda que também não seja demasiadamente valorizado num especismo antropocêntrico.

É interessante, pois, nos perguntarmos se, num período de grande degradação ambiental, esta valiosa colaboração já foi assimilada. Ela é importante num tempo de crise ecológica, posto que relembra, com insistência martelar, que a devastação da Terra é a destruição da humanidade também. Ela pode ser um patamar para compreender que as relações da natureza são tão importantes quanto as ditas “sociais”, pois fazem recordar que são uma só relação. Tal recordação contribui para a “desontologização” proposta pela condição pós-humana e pela Geografia humanista, que suprime as dicotomias do mundo moderno.

O diálogo entre a Geografia humanista e a condição pós-humana, como vimos, pode oferecer vários ganhos epistêmicos para ambas as áreas do saber. Este artigo é apenas um vislumbre inicial de perspectivas que podem surgir. O importante, neste momento, é cultivar as possibilidades apontadas por este trabalho, desdobrando-os em pesquisas maiores e aprofundando os entendimentos aqui apontados. O trabalho é árduo, mas precisa ser realizado.

Referências

- ABRAM, D. **Becoming Animal**: an earthly cosmology. New York: Vintage Books, 2010. 336p.
- ANDREOTTI, Giuliana. Geografia emocional e cultural em comparação com a racionalista. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da; PIRES, Cláudia Luisa Zeferino (Orgs.). **Maneiras de ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2013, p 98-105.
- BERNARDES, Antonio. O Dasein que somos no pesquisar em Geografia. **Geograficidade**, v.6, n.2, p.30-49, 2016. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2016.62.a12960>.
- BERQUE, Augustin. A cosmofoania das realidades geográficas. **Geograficidade**, v.7, n.2, p. 4-16, 2017. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2017.72.a12977>.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia. São Paulo: Perspectiva, 2014. 120p.
- _____. Geografia e Existência. IN: DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015, p. 111-139
- BONNEMAISON, Jöel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural**: um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83-131.
- BRAIDOTTI, Rosi. **Posthuman knowledge**. Polity Press, 2019. 210p.
- BUTTNER, Anne. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLLETTI, Antônio. **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982, p. 165-193.
- CAPEL, Horacio. **Filosofia e ciência na geografia contemporânea**: uma introdução à Geografia. (vol.1). Maringá: Ed. Massoni, 2008. 133p.
- CHACON, Carlos Alberto. Pensamiento ambiental geopoético: una estética del habitar la casa, la choza y la guarida. **Geograficidade**, v. 5, n. Especial, p.66-75, 2015. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2015.50.a12929>.
- CLAVAL, Paul. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006. 140p.
- _____. **Epistemologia da Geografia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014. 406p.
- DAL GALLO, P. M.; MARANDOLA JR, E. O conceito fundamental de mundo na construção de uma ontologia da Geografia. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), v. 19, n. 3, p. 551-563. 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geosp.2015.82961>.
- DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2015. 176p.
- FERRANDO, Francesca. **Philosophical Posthumanism**. New York: Bloomsbury Academic, 2019. 296p.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 368p.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna.; KUNZRU, Hari.; TADEU, Tomaz (orgs). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 33-118.

HAYLES, K. **How we became posthuman: Virtual bodies in cybernetics, literature and informatics**. Chicago: University of Chicago Press, 1999. 364p.

HOLZER, W. **Geografia Humanista: sua trajetória 1950-1990**. Londrina: Eduel, 2016. 340p.

LA BLACHE, Paul Vidal de. A Geografia humana: suas relações com a Geografia da vida. In: HAESBAERT, R.; NUNES PEREIRA, S.; RIBEIRO, G. (Orgs.). **Vidal, Vidais: textos de Geografia humana, regional e política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012, p. 99-124.

LATOURETTE, B. **Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno**. São Paulo: Ubu; 2020. 480p.

LORIMER, J. Moving image methodologies for more-than-human geographies. **Cultural Geographies**, v.17, n.2, p. 237-258, 2010. <https://doi.org/10.1177/1474474010363853>.

MAFFESOLI, Michel. **O theatrum mundi pós-moderno: o jogo da vida, a vida como jogo**. Curitiba: PUCPRESS, 2021. 160p.

MARANDOLA JR, Eduardo. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. **Geograficidade**, v. 3, n.2, p. 49-64., 2013. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2013.32.a12864>.

_____. Olhar encarnado, geografias em formas-de-vida. **GeoTextos**, v. 14, n.2, p. 237-254, 2018. <https://doi.org/10.9771/geo.v14i2.28599>.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: Annablume, 2005. 152p.

MORIN, Edgar; SLOTERDIJK, Peter. **Tornar a terra habitável**. Natal: EDUFRN, 2021. 93p.

NOGUÉ, Joan. Paisaje y comunicación: el resurgir de las geografías emocionales. IN: LUNA, T. y VALBERDE, I. (Dirs.). **Teoría y paisaje: reflexiones desde miradas interdisciplinarias**. Barcelona: Observatorio del Paisaje de Cataluña, 2011, p. 27-41.

NOGUERA, A. P.; ARIAS, D. A. B.. Geografias del habitar: un habitar geopoético en la era planetaria. **Geograficidade**, v.1, n1, p. 19-31, 2014. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2014.42.a12897>.

PAIVA, Daniel. **Urban sound: territories, affective atmospheres, and politics**. 212f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia e Ordenamento do território, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/37949>. Acesso em: 15 mai. 2024.

RELPH, Edward. As Bases Fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

_____. **Rational Landscapes and Humanistic Geography**. New York: Barnes and Noble, 1981. 234p.

_____. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de (Orgs.). **Qual o Espaço do Lugar?** Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014, p. 17-32.

RÜDIGER, F.. Breve história do pós-humanismo. **E-Compós**, v. 8, p. 1-17, 2007.

SAUER, Carl. A Educação de um Geógrafo. **GEOgraphia**, v. 2, n. 4, p. 137-150, 2000.
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2000.v2i4.a13392>.

SEAMON, David. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à geografia humanística?. **Revista do Nufen: Phenomenology and Interdisciplinarity**, v. 9, n. 2, p. 147-168, mai. - ago., 2017.

SEAMON, D; LARSEN, T.. Humanistic geography. In: **The International Encyclopedia of Geography**. Hoboken, Wiley & Sons, p. 1–12, 2020.
<https://doi.org/10.1002/9781118786352.wbieg0412.pub2>.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados – I**. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001. 364p.

SILVA, L. L. S.. A encruzilhada da abordagem cultural na Geografia. **Caderno de Geografia**, v. 30, n. 63, p. 1132-1153, 2020. <https://doi.org/10.5752/P.2318-2962.2020v30n63p1132>.

SOUZA JÚNIOR, C. R. B.. Geografias culturais mais-que-humanas: rumo ao coabitar na terra. **Mercator**, v. 20, p. 1-10, 2021. <https://doi.org/10.4215/rm2021.e20005>

STENGERS, Isabelle. **No tempo das catástrofes: resistir à barbárie que se aproxima**. São Paulo: Cosac Naify, 2015. 160p.

SUESS, R. C.; RIBEIRO, A. S. S.. O lugar na Geografia Humanista: uma reflexão sobre o seu percurso e questões contemporâneas - escala, críticas e cientificidade. **Revista Equador**, v. 6, p. 1-22, 2017. <https://doi.org/10.26694/equador.v6i2.6121>.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 376p.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 2012. 342p.

_____. **Geografía romântica: em busca del paisaje sublime**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2015. 184p.

VAZ, C.B.N.. Reflexões sobre modernidade e experiência: apontamentos para uma epistemologia geográfica do ser-no-mundo. **GeoTextos**, v. 18, n. 2, p. 131-151, 2022. <https://doi.org/10.9771/geo.v0i2.51869>.

WOLFE, Cary. **What is Posthumanism?** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010. 400p.